

O PROGRAMA SESI EDUCAÇÃO DO TRABALHADOR: ENTRE O LABIRINTO E A ESPERANÇA

Maryland Bessa Pereira MAIA (1)

(1) Mestrado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará (UFC).
Av. Desembargador Moreira, 2033 - apto. 202 – Aldeota, 60.170-002 – Tel. (85) 3264.2952
mbmaia2007@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho aborda o *Programa Educação do Trabalhador* desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria (SESI) em Fortaleza/CE. Esta iniciativa visa à escolarização dos trabalhadores desta área de produção. Sua escolha como foco temático foi motivado pela experiência como Supervisora Educacional no SESI, oportunidade que possibilitou uma aproximação aos anseios e dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da indústria. A pesquisa tem como objetivo principal analisar a efetividade da proposta de escolarização a partir da perspectiva dos alunos, professores, supervisores e representantes das empresas. De modo mais específico buscou-se estudar os fundamentos pedagógicos do programa; mapear a visão dos diferentes segmentos envolvidos nesta ação; e perceber a relação entre seus pressupostos e a visão de satisfação dos diferentes sujeitos que dele participam. O exame da iniciativa se fundamentou na investigação empírica exploratória, ancorada no processo de pesquisa qualitativa. Foram pesquisados 6 alunos trabalhadores – dentre os quais 3 já tinham finalizado o processo, e os outros 3 ainda estavam em curso; 2 representantes de empresas parceiras do programa; 3 supervisores e 4 professores. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, observação das aulas, além da análise de documentos referentes à iniciativa, que nos deu um aporte de conhecimento do cenário legal do universo estudado. As análises indicam que o *Programa Educação do Trabalhador* dentro do universo capitalista continua sendo um referencial para as empresas em relação à qualificação básica desses trabalhadores. Porém, foi possível perceber a necessidade de uma revitalização da proposta visando uma ampliação dos serviços educativos, embasados na urgência de um novo perfil de trabalhador para o cenário produtivo. Com relação às entrevistas e observação com os alunos trabalhadores, mostraram que a metodologia SESI Educa construída exclusivamente para atender ao trabalhador da indústria, usada em sala de aula, deixa muito a desejar, carecendo de um maior vínculo com as aprendizagens do contexto de trabalho em que atua. Em suma, os conteúdos estudados, apesar de terem sido construídos por uma instituição eminentemente capitalista não estão por muitas vezes relacionados com a realidade fabril. As contribuições

Palavras-chaves: Serviço Social da Indústria, Programa Educação do Trabalhador - Educação de Jovens e Adultos.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho explora, de forma sintética, os resultados de uma pesquisa concluída em novembro de 2007, objetivando avaliar a efetividade da proposta de escolarização propiciada pelo Serviço Social da Indústria do Estado do Ceará, a partir da perspectiva dos alunos, professores, supervisores e representantes das empresas. De modo mais específico buscou-se estudar os fundamentos pedagógicos do programa no qual se sustenta a proposta pedagógica do Programa Sesi Educação do Trabalhador; mapear a visão dos diferentes segmentos envolvidos nesta ação; e perceber a relação entre seus pressupostos e a visão de satisfação dos diferentes sujeitos que dele participam.

A trajetória da pesquisa teve como ponto de apoio as entrevistas realizadas com trabalhadores que fazem parte do referido Programa, além dos supervisores educacionais e representantes das empresas parceiras. Nesse caminho examinou-se também um conjunto de documentos (citados no texto) oriundos do Serviço Social da Indústria que dão sustentação a essa proposta de qualificação básica.

2. EDUCAR O TRABALHADOR: UMA LUTA HISTÓRICA NO SESI?

Entende-se que nas últimas décadas, a relação entre trabalho e Educação tem sido o centro de profundas discussões, seja no âmbito da academia ou do mundo do trabalho formal. Pois como sabemos historicamente, a Revolução Industrial¹ transformou as relações de trabalho, sociais e pessoais. De um modo geral, essas relações suscitaram novos padrões de funcionamento do modo de produção capitalista, fato que contribuiu enormemente para transformar a relação da pessoa humana e da sua percepção a respeito do trabalho.

No Brasil, a relação entre Trabalho e Educação desponta com a atividade de industrialização surgida posterior a Segunda Guerra Mundial. A transformação da estrutura econômica que se estabeleceu após Revolução de 30, sendo principalmente ocasionada pela crise do modelo agrário-comercial exportador dependente, em seu lugar vai surgindo a implantação do modelo nacional desenvolvimentista, o que por sua vez, trouxe à tona a urgência de novas diretrizes para formação de um trabalhador mais “adequado” e cada vez mais empenhado e desejoso de qualificação.

Para Diniz (2004, p. 4-5), essa situação representa uma linha divisória na história do Brasil. De acordo com a autora, o contexto trouxe para a própria estrutura uma evolução considerável:

O empresariado industrial se expande aceleradamente. Lembremos que cerca de 70% dos estabelecimentos industriais levantados pelo Censo de 1940 foram fundados depois de 30. Seguindo o caminho aberto por Vargas, nos anos 60, o projeto desenvolvimentista já estava consolidado, permitindo à economia brasileira alcançar as mais altas taxas de crescimento de sua história. Desta forma, podemos afirmar que 1930 representaram efetivamente importante etapa na construção do capitalismo industrial brasileiro. Coube ao primeiro governo Vargas administrar essa transição da ordem agro-exportadora para a era urbano-industrial. O Estado foi o agente deste esforço de transformação, mobilizando os recursos externos e internos, criando incentivos à produção doméstica, apoiando a indústria nacional, buscando ao mesmo tempo atrair os investimentos externos necessários. Sob o impacto deste conjunto de políticas, observou-se a incorporação dos principais atores da ordem capitalista em formação, empresários e trabalhadores industriais.

Por conta das exigências dessa conjuntura histórica, presenciou-se o surgimento de instituições advindas do próprio sistema produtivo, que funcionariam como re-orientadoras da educação do trabalhador, exaltando o fato de que a atividade educacional deveria ser organizada nas expectativas do mercado (CARVALHO, 1999). Com efeito, as diretrizes educacionais, amplamente padronizadas, passam a ser feitas em consonância com os interesses da rede produtiva. O sistema S - Sesi, Senai, Sesc, Senac, dentre outros, é emblemático de tal projeto de educação construído a partir do ideário dos empresários (FRIGOTTO, 1997).

Dentro desse novo contexto da educação para o trabalhador, surgiu em julho de 1946, o Serviço Social da Indústria² (Sesi), que, dentre outros serviços prestados ao empresariado e ao trabalhador, tem como objetivo

1 A este respeito, ver as considerações de Hobsbawm acerca da explosão da Revolução Industrial. (HOBSBAWM, 1977, p.50).

2 O Serviço da Indústria (Sesi), criado pela Confederação Nacional da Indústria, a 1º de julho de 1946, (tem como escopo estudar, planejar e executar medidas que contribuam diretamente para o bem-estar social dos trabalhadores na indústria e nas atividades semelhantes, concorrendo para a melhoria do padrão de vida no país) Regulamento do Sesi, art. 1º. Decreto n.º 57.375, de 2 de dezembro de 1965.

central a oferta de escolarização formal. Essa proposta de qualificação básica do trabalhador passou a ser o foco principal dessa instituição, respondendo, assim, por programas de qualificação básica tais como: oferta de cursos de alfabetização, ensino fundamental e ensino médio para o contingente de trabalhadores da indústria, entre outras ações no campo educacional.

Nessa perspectiva, o Serviço Social da Indústria (SESI) foi fazendo do trabalho/empresa seu palco de atuação e do trabalhador seu agente principal. Dentre os vários documentos³ publicados sobre a atuação dessa instituição, todos convergem para um ponto: a responsabilidade social com a educação do trabalhador.

Para que o SESI pudesse corporificar a sua proposta de educação e efetivá-la no âmbito do sistema fabril, precisou construir e efetivar uma proposta de educação para o trabalhador que atingisse a fundo a vida no espaço manufatureiro, proporcionando resultados imediatos. Em virtude disso criou o programa SESI Educação do Trabalhador. Desta forma, o programa insere-se numa proposta conjunta de educação da Confederação Nacional da Indústria – CNI, realizada por meio de seu braço social, o Serviço Social da Indústria (SESI). O mesmo foi instituído em março de 1998 na gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso, representando uma resposta à problemática brasileira da Educação de Jovens e Adultos, em especial visando enfrentar o analfabetismo.

No Ceará, o programa é um referencial estratégico da instituição, por isso, tem Coordenação própria, metas a atingir e uma proposta pedagógica e recursos próprios com indicadores de ações para a sua sustentabilidade. Têm como *locus* de desenvolvimento de suas ações educativas as empresas, as instituições comunitárias e as próprias unidades escolares do SESI em convênio com administrações estaduais e distritos municipais.

O SESI - Departamento Regional do Ceará foi implantado em 1º de julho de 1948, está vinculado a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC)⁴ e tem como raio de ação toda região metropolitana e municípios circunvizinhos. Em Fortaleza, a instituição funciona com atendimentos nas indústrias têxteis, de beneficiamento de castanha de caju, de pesca, artesanal, fábricas de torrefação de café e construção civil, como também nas unidades escolares: Escola de Educação Básica Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e Escola de Educação Básica Euzébio Mota de Alencar, localizadas respectivamente nas Unidades de Negócio da Barra do Ceará e da Parangaba.

3. A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DO PROGRAMA SESI EDUCAÇÃO DO TRABALHADOR

A discussão acerca da necessidade de qualificação do trabalhador para o universo do capital, não é algo novo, se intensifica na atualidade em virtude do próprio avanço tecnológico inseridos no mundo do trabalho. Esse pensamento se configura como ponto de origem para se pensar não só o processo educativo do jovem e adulto e sua vinculação com a questão da qualificação, mas para discutir uma qualificação que não esteja atrelada apenas a responder a uma demanda urgente do mercado, e sim que extrapole os muros da escola e da fábrica, que contemple a dimensão humana do trabalhador.

A proposta educacional do Programa SESI Educação do Trabalhador se apresenta embasada em conceitos que se faz relevante especificar que o Programa SESI Educação do Trabalhador tem no campo educativo como referencial a *Proposta Curricular e Pedagógica de Educação de Jovens e Adultos do SESI (2001)*, que objetiva garantir a unidade pedagógica do currículo na Instituição e traz os seguintes eixos temáticos: **Educação para o Trabalho, Ensino Contextualizado, Aprendizagem de Habilidades Básicas e Atitudes de Cidadania.**

Segundo essa perspectiva de análise, o arcabouço de conteúdos presentes no documento do SESI apresenta uma linha de orientação para que determinados conceitos e habilidades⁵, como desenvolver “atitudes de

³ Os documentos que dão sustentação ao Programa são: Regimento Interno da Educação de Jovens e Adultos do Serviço Social da Indústria (2001), Proposta Curricular-Pedagógica de Educação de Jovens e Adultos do Serviço Social da Indústria (2001) e o Plano Plurianual Nacional 1996-1998/ Planejamento Estratégico (1996).

⁴ A criação da Federação das Indústrias do Estado do Ceará era um desejo dos industriais do Estado Novo desde a década de 1940. Em 12 de maio de 1950, foi expedida a carta de reconhecimento da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, pelo Ministério do Trabalho. Ver *site* oficial, disponível em: <<http://www.sfiec.org.br>>.

⁵ Por exemplo: capacidade de organizar o pensamento e de resolver problemas numéricos, habilidade de ler e interpretar, entendimento de uma língua estrangeira para poder ler manuais etc.

cidadania” passe a fazer parte das “competências” a serem adquiridas por esse trabalhador de novo tipo. De certa forma, a instituição apregoa a necessidade de uma formação humana na vertente do trabalho conduzindo a um repensar o investimento no *o capital humano* da empresa.

Dessa forma, a concepção que permeia a fala da instituição no cenário social está embasada no documento *Estrutura e Funcionamento* (2001) onde os princípios educacionais do Programa se baseiam na Psicologia, Neurobiologia, Antropologia, Sociologia, Psicanálise, Pedagogia, Comunicação que pesquisam sobre o desenvolvimento da pessoa, os processos de constituição do cérebro e da mente, formação da inteligência, construção do conhecimento, organização e expressão da vida afetiva e social. Nesse caso, o documento segue afirmando que teóricos como: Jean Piaget, Vygotsky, Henry Wallon, Celestin Freinet, Paulo Freire, Emilia Ferreiro, trazem questões que elucidam como a pessoa constrói seu conhecimento, como aprende, como faz de um novo saber um instrumento de transformação da vida prática.

O discurso do Sesi é sustentado por apresentar em sua estrutura pedagógica a necessidade do trabalhador do chão da fábrica desenvolver ao longo do tempo educativo sua formação humana. Compreender que o cenário produtivo necessita que o sujeito se desenvolva como “totalidade sistêmica e como um leitor crítico do real, única forma de ajustar-se ao mundo globalizado em que as informações são cada vez mais padronizadas e efêmeras” (MAIA; JIMENEZ, 2004, p. 45).

Para subsidiar esse pensamento o Programa Sesi Educação do Trabalhador atua com duas propostas metodológicas: o Telecurso 2000⁶ e a Sesi Educa⁷. Sendo que essa segunda foi eleita pela instituição como a metodologia que mais se adequou ao contexto produtivo capitalista, por ser, de acordo com seus idealizadores, um procedimento modular que proporciona maior rapidez na aquisição de conhecimentos por parte dos alunos-trabalhadores.

A metodologia Sesi Educa foi criada pelo Departamento Regional do Rio de Janeiro em 2001, especificamente para alunos da educação de jovens e adultos, objetivando elevar a escolaridade, aumentar o nível de conhecimento, capacitá-los para entender o mundo presente, inserindo nele uma visão crítica e certo grau de autonomia na análise das situações. No plano moral, um imperativo ético da sociedade; no plano econômico e social, para o indivíduo, é uma condição de inserção no mercado de trabalho; e para as empresas e a nação, condição de competitividade internacional.

A proposta de construção partiu da necessidade em elaborar uma metodologia que atendesse as condições do trabalhador, além de proporcionar uma rapidez na aquisição de conhecimento, retornando assim, para o mercado de trabalho. Diante dessa situação grupos de professores das áreas de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, e Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias construíram um sistema de ensino modular com conteúdos advindos da base nacional curricular (Ensino Fundamental e Médio) somado às características do mundo do trabalho.

A grade curricular oferece oportunidade de estudo desde a alfabetização até a conclusão do ensino médio, estando dividida da seguinte forma:

⁶ O Telecurso 2000 surgiu de uma parceria do sistema FIESP e a Fundação Roberto Marinho em dezembro de 1993. Naquele ano ocorreu o início dos trabalhos sendo criado um Comitê Diretor formado por um representante de cada instituição, como também um Conselho Editorial com a função de assessorar o Comitê, sendo composto por quatro representantes e um técnico. Esse Comitê se encarregou de formular as primeiras propostas do TC2000 dando origem a um primeiro documento intitulado Telecurso de Formação Básica para o Mundo do Trabalho – Documento Base. (CARVALHO, 1999, p. 70)

⁷ A metodologia Sesi Educa foi criada pelo Departamento Regional do Rio de Janeiro em 2001, especificamente para alunos da educação de Jovens e Adultos, objetivando elevar a escolaridade, aumentar o nível de conhecimento, capacitá-los para entender o mundo presente, inserindo nele uma visão crítica e certo grau de autonomia na análise das situações é, no plano moral, um imperativo ético da sociedade e, no plano econômico e social, para o indivíduo, é uma condição de inserção no mercado de trabalho e, para as empresas e a nação, condição de competitividade internacional (SESI, RJ. **Educação de Jovens e Adultos**: documento de estrutura e funcionamento. Rio de Janeiro: GEM, GEF, 2001, p.184 (Série Sesi educa)

| Ensino Fundamental | ALFABETIZAÇÃO | |
|--------------------|-------------------|---------|
| | Primeiro Segmento | 1ª Fase |
| | | 2ª Fase |
| | | 3ª Fase |
| | | 4ª Fase |
| | Segundo Segmento | 5ª Fase |
| | | 6ª Fase |
| | | 7ª Fase |
| | | 8ª Fase |

Quadro I – Estrutura e funcionamento do Ensino Fundamental I e II.

Fonte: Documento Estrutura e Funcionamento – Metodologia, (SESI, 2001a, p. 46).

| Ensino Médio | 1ª Fase |
|--------------|---------|
| | 2ª Fase |
| | 3ª Fase |

Quadro II – Estrutura e funcionamento do Ensino Médio.

Fonte: Documento Estrutura e Funcionamento – Metodologia (SESI, 2001a, p. 46).

Na prática essas fases terão que ser finalizadas pelos alunos até obterem a certificação, cada fase é composto por 15 módulos, ou seja, na quinta fase para que o aluno passe para a sexta ele precisará fazer os 15 módulos de cada disciplina (Ciências, Português, Matemática, História/Geografia e Inglês).

Com relação ao segundo segmento e o ensino médio ocorre semelhante processo: o aluno obtém certificado de cada nível, contanto que complete cada fase com a resolução dos módulos específicos. Esse fato se sobressaiu nas observações da pesquisa de campo, pois como o contingente de módulos é superior ao do Ensino Fundamental I, a necessidade de “correr” para finalizá-lo é bastante presente no processo ensino-aprendizagem.

4. AS TRILHAS METODOLÓGICAS

O desenvolvimento deste estudo apóia-se na lição que ensina Macedo (1991, p. 13) referindo-se ao ato de observar. Assevera o autor que:

[...] nós observamos pouco, porque para fazê-lo temos que nos recolher no silêncio de que olha para ver, de quem ouve para escutar, de quem pode contemplar e admirar o outro, apenas para saber o que ele pensa ou faz [...]. E que um observar que produz conhecimento, exige do observador uma atividade nada passiva de estruturar com sentido aquilo que lhe é dado contemplar, condição para a arte de refletir, do poder de refletir.

Em sua reflexão, Macedo compõe exatamente a viagem delineada na estruturação deste estudo. A necessidade de um observador com o olhar reflexivo é condição prévia para a decisão de caminhos do próprio trabalho. Olhar é muitas vezes tirar o foco de si mesmo e construir uma teia diferente de sentidos. Nesse sentido, o SESI e seu *Programa de Educação do Trabalhador* são *a priori*, uma porta de entrada para fazer e refazer esse olhar.

Ao longo do caminho dessa pesquisa, saltaram aos olhos os depoimentos dos pesquisados. As percepções foram apresentando peças de um quebra-cabeça que precisava ser montado, mas como descobrir o caminho sem ter aquela sensação de saber ir e não voltar? Conforme Bandeira (2006, p. 20) encontrar o caminho retrata uma sensação de continuidade:

Os caminhos percorridos, longe de ser tarefa simples, principalmente para iniciantes, caracterizam-se por empreitada espinhosa, com diversos obstáculos, incertezas, angústias, idas e vindas feitas por sucessivos exercícios de aproximação. Revelam, porém, desafio constante e instigante à aprendizagem reflexiva e à capacidade de estabelecer diálogo entre o vivido e as construções teóricas formuladas nas e sobre vivências.

A continuidade, as idas e vindas foram fazendo parte da tomada de decisão frente ao contexto da pesquisa, que se fundamentou na pesquisa empírica exploratória. Teve como foco principal a percepção de alunos, professores, supervisores e representantes de empresas parceiras, a respeito do *Programa Educação do*

Trabalhador.

A abordagem teve como principal intenção analisar a efetividade do programa de educação do SESI junto aos trabalhadores das empresas parceiras no Estado do Ceará. O objetivo está em entender a eficácia dessa parceria, além do conceito que os atores envolvidos fazem dessa proposta.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (1994, p. 22),

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Partindo desse entendimento, elegemos o estudo de caso como método investigativo. A opção por essa direção foi por entender que o estudo de caso não se configura em uma forma fechada de pesquisa. De acordo com Diógenes (1998, p. 61) a certeza é construída passo a passo, de acordo com sua observação: “O caminhante sabe a direção que quer tomar, conhece os mapas, os obstáculos, a direção dos ventos, ouvirem falar de certos atalhos que pode usar alternativamente, mas é fundamentalmente no caminho que, obviamente, faz sua própria trajetória.” Apoiado nessas idéias tomamos como “caso” o *Programa de Educação do Trabalhador do SESI* e os atores envolvidos: alunos, professores, supervisores e representantes das empresas parceiras.

O *Programa Educação do Trabalhador* é constituído por um grupo de Supervisores Educacionais com formação nas áreas de Pedagogia, Letras, História e Filosofia, na sua maioria com especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA). No âmbito jurídico, esses trabalhadores são contratados pelo SESI em regime da CLT com carga-horária que vai de 100 h/aula até 220 h/aulas para trabalhar nas salas de aula das empresas parceira do sistema.

O corpo docente é formado por professores das seguintes áreas de conhecimento: Linguagens e Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Literatura, Redação e Língua Estrangeira), Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (Matemática, Ciências, Física, Química e Biologia) e Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia). Todos quando chegam ao programa são orientados a fazer especialização em Educação de Jovens e Adultos, completando assim o perfil do docente requerido pelo programa.

Os alunos do programa são em sua maioria de classe média baixa ou pobre, com alto índice de defasagem na sua escolaridade, alguns não conseguiram finalizar nem o Ensino Fundamental I, ausentando-se por anos da sala de aula. Por essa condição, para esses trabalhadores o programa se torna a única forma de ascensão para uma vida melhor.

Em relação às representantes das empresas que fazem parceria com o SESI, constatou-se que as colaboradoras tinham entre 25 e 35 anos, com área de formação em Pedagogia e administração e com menos de 5 anos no cargo. Situação que em determinado momento limitou uma análise mais crítica a respeito do programa.

Os dados junto a esses segmentos foram colhidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, observação das aulas e análise de documentos referentes ao programa analisado.

As entrevistas configuraram-se como ponto crucial da pesquisa. Foi “costurando” os relatos que pudemos explicitar a dualidade que permeava a concepção dos atores com relação ao *Programa Educação do Trabalhador*. Assim, foram entrevistados 2 representantes de empresa, 3 supervisores do programa, 4 professores e 6 alunos. O roteiro desse trabalho esteve vinculado a dois pontos principais; à interação que os sujeitos pesquisados tinham com o programa e a percepção sobre a metodologia *SESI Educa* e a prática docente.

A observação das aulas representou um fio condutor na complexa teia dessa pesquisa. O roteiro consistiu em observar dois pontos principais; 1) como a metodologia *SESI Educa* era trabalhada pelos docentes e; 2) como os alunos se apropriavam desse conhecimento. As duas salas escolhidas foram visitadas duas vezes por semana no período de um mês, perfazendo assim 20 horas de observação em cada sala (as duas salas têm como carga horária 2h30 de aula por dia, obedecendo a uma especificidade exigida pela própria empresa).

A análise do *Regimento Interno de EJA do Sesi*, do *Plano Plurianual Nacional (1996-1998)* e do *Regimento Comum das Unidades Escolares SENAI Ceará*, possibilitaram entender como se estrutura a educação de jovens e adultos no Sesi, tanto no âmbito das empresas como nas unidades escolares patrocinadas pelo sistema. Em relação ao Plano Plurianual, observaram-se ações de cunho educativo desenvolvidas pelo sistema nos anos entre 1996 e 1998 que teve como consequência a criação do *Programa Educação do Trabalhador*.

Vale frisar que se recorreu a estes documentos como fontes que permitiram compor o pano de fundo sob o qual a preocupação com a formação do trabalhador pelo segmento empresarial se delineia. Em nenhum momento pretendeu uma análise do conteúdo desses materiais.

Este foi o delineamento metodológico da pesquisa, o qual nos assegurou a possibilidade de compreensão do *Programa Educação do Trabalhador* a partir de suas implicações teóricas e práticas.

4. OS DIVERSOS OLHARES E DIÁLOGOS

Um Programa de cunho educativo que se propõe a qualificar o trabalhador para o mercado produtivo como é o caso do Programa Sesi Educação do Trabalhador, trata-se de uma relação conflitante e antagônica, por confrontar de um lado as necessidades da reprodução do capital e de outro as múltiplas necessidades humanas.

Essa correlação de forças, empresários e trabalhadores sempre foram permeadas por uma tensão no jogo das disputas do processo do capital. Esta concepção é consenso absoluto no pensamento empresarial, e revelado nas entrevistas, observações das aulas e nos documentos que dão sustentação pedagógica ao Programa. Empresários de um lado legitimam a escola como lugar da preparação do seu arsenal qualificado e os trabalhadores por outro lado, busca essa qualificação profissional como forma de responder a necessidade de uma melhoria na sua condição humana, profissional e de vida prática.

Do ponto de vista do empresariado, o Serviço Social da Indústria é um órgão legítimo em produzir esse material humano qualificado para o chão da fábrica, porém com as novas demandas e com a velocidade excessiva das necessidades sociais o *Sistema S* precisaria avançar de forma mais agressiva no retorno ao cenário capitalista. Segundo Carvalho (1999) trabalhadores mais escolarizados e qualificados podem propiciar uma maior produtividade, por isso o discurso capitalista se concentra exatamente em propostas de incentivo a escolarização dos colaboradores da empresa.

Na Contramão do discurso empresarial, os trabalhadores relatam que o Programa não prepara de forma efetiva para situações concretas vivenciadas no trabalho. A maioria dos conteúdos não é vinculada ao cenário produtivo, à rapidez no processo ensino aprendizagem inviabiliza essa transposição de conhecimentos, fator que contribui para a não adequação do trabalhador em cargos mais elevados com perspectiva de melhoria de vida. Apenas uma pequena parcela de operários consegue depois do processo de formação passar a ocupar outros cargos com elevação do nível salarial.

Ao mesmo tempo em que compreenderem (trabalhadores) os limites de possibilidades do Programa Sesi Educação do Trabalhador em atender efetivamente a qualificação pessoal, também percebem as benesses advindas do empresariado em patrocinar tal serviço. Dessa forma surge na fala dos entrevistados o conceito de *caridade empresarial*, que epistemologicamente se transforma em *filantropia empresarial*. O caso é que os operários conceituam como caridade o investimento constituído pelos empresários. Segundo Léna (1996) essa relação clientelista ou paternalista é uma forma de dominação que entra na categoria dos laços de dependência pessoal.

Igualmente em uníssono, os docentes que fazem parte do Programa Educação do Trabalhador não vêem a metodologia usada pelo Sesi como uma perspectiva de construir uma formação humana de base sólida. Salientam que o material reproduz a velocidade da fábrica, ou seja, como os conteúdos são apresentados através de módulos e os trabalhadores só são certificados à medida que finalizam o processo, essa condição rege a dinâmica da sala de aula e o processo ensino-aprendizagem.

Em relação ao pensamento do grupo de Supervisores Educacionais ficou expresso que o trabalho de acompanhamento da metodologia Sesi Educa tornou-se eminentemente burocrático. As reuniões pedagógicas que comumente seriam espaços de discussões, planejamento e aprimoramento da metodologia, tornaram-se encontros apenas para preenchimento de documentos oriundos do Programa. Esse fato ficou mais visível após a implantação da ISO 9001 no ano de 2006, na área educativa do Sistema S.

5. NOVOS CAMINHOS E NOVAS POSSIBILIDADES

Eu estava sobre uma colina e vi o velho se aproximando, mas ele vinha como se fosse o Novo.

Ele se arrastava em novas muletas, que ninguém antes havia visto, e exalava novos odores de putrefação, que ninguém antes havia cheirado.

[...] Em torno estavam aqueles que instilavam horror e gritavam: aí vem o Novo, tudo é novo, saúdem o Novo, sejam novos como nós! [...]

(Parada do Velho Novo)

Bertoldo Brecht

A decisão de investigar esta experiência pode ser compreendida na lição expressa nas palavras de Bertoldo Brecht: *eu estava sobre uma colina e vi o velho se aproximando, mas ele vinha como se fosse o novo*. Ao ingressar no Sistema S (SESI) especificamente para trabalhar no Programa SESI Educação do Trabalhador trouxe para o meu imaginário uma compreensão mais madura da realidade, o que encontramos ao percorrer esse cenário de trabalho nos permite vislumbrar novos caminhos e possibilidades, conforme destacam os tópicos a seguir:

- **Serviço Social da Indústria - Escolarização do operariado: uma política marcada por contradições e ambigüidade.** Os documentos consultados pertinentes à implantação de uma política de cunho educativo proposta pelo Sistema S para qualificação básica do operariado, evidenciam um discurso que coloca a formação humana do homem trabalhador como fator preponderante nesse novo conceito de qualificação profissional. Essa tendência (Formação Humana) está ancorada em conceitos ligados ao modo toyotista de produção (trabalho em equipe, monitoramento, ajuda mutua dentre outros) para o universo da sala de aula. O fato é que mesmo desenvolvendo uma política educativa oriunda do próprio sistema produtivo, a educação constituída pelo empresariado ainda não consegue qualificar de forma eficiente e eficaz esse trabalhador para ter retorno imediato ao capital. Ao longo da pesquisa deflagramos uma situação comumente encontrada em empresas que têm no Programa Educação do Trabalhador uma via de escolarização dos seus funcionários. O fato é que de uma sala de aula com 24 alunos trabalhadores menos de 20% ascenderam de cargo após a finalização do curso. Assim concluímos que o processo educativo direcionado pelo Sistema S se configura como uma proposta que chamamos na pesquisa de qualificação de papel, ou seja, o trabalhador tem o certificado (Comprovante) da sua qualificação, mas muitas vezes não atua com um sujeito qualificado.
- **Uma Proposta Pedagógica – calcada na urgência e na automação.** A metodologia SESI Educa, assumida como suporte didático-pedagógico de estrutura modular, fundamenta-se na: flexibilidade em relação ao tempo de duração do curso, pois por ser modular o aluno finaliza o processo educativo de forma mais rápida; Na continuidade, visto o aluno ter a possibilidade de ingressar em qualquer etapa de seus estudos; Na viabilidade que se refere ao baixo custo que o empresário vai disponibilizar para qualificar a massa produtiva. A metodologia assim disponibilizada apresenta alguns pontos de profundas reflexões. O primeiro se refere ao procedimento metodológico, ou seja, como a disciplina é modular e os alunos para finalizar o processo necessitam cumprir um determinado número de módulos, a maioria das vezes esse fazer constituiu-se de atos mecânicos e urgentes do processo educativo, assim à aula passa a ser espaço não de discussão, interação e reflexão de temas, mas um espaço cronometrado e veloz. Outra questão relevante diz respeito à visão mercadológica que conduz a metodologia. A viabilidade para o empresariado está respaldada por ser uma proposta educativa oriunda do próprio sistema produtivo, assim seu custo na hora da negociação cai para um preço quase que irrisório. Pode-se perceber que para os homens de negócio a metodologia SESI Educa é transformada em mercadoria deixando de lado a análise pedagógica da metodologia.

Para o Sistema S a educação é o caminho mais viável e previsível para compor o arsenal desfalcado de trabalhadores do universo produtivo. O Programa Educação do Trabalhador com sua metodologia educacional tenta proporcionar aos trabalhadores do chão da fábrica novos caminhos e novas possibilidades tanto de ascensão funcional como pessoal, mas na realidade descobrimos duas forças antagônicas no chão da sala e no chão da fábrica. Uma que atrela a qualificação profissional com a formação humana e a elevação das condições de vida e outra que pensa na qualificação apenas para os postos de trabalho.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Elça Maria Sá. **Formação continuada e prática docente**: encontros e desencontros de uma experiência de educação de jovens e adultos. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

CARVALHO, Celso do Prado Ferraz de. **A educação cidadã na visão empresarial**: o Telecurso 2000. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 1999.

CONFEDERAÇÃO Nacional das Indústrias. **Competitividade industrial**: uma visão estratégica para o Brasil. Rio de Janeiro, 1988.

DINIZ, Eli, **Crise, reforma do Estado e governabilidade**: Brasil 1985-95. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

DESLANDES, Suely Ferreira, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomez, Maria Cecília de Sousa Minayo. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FRIGOTTO, G. **A Produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômica social-capitalista. 3. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Temi, 1977.

SESI. **Plano Plurianual Nacional 1996-1998**: planejamento estratégico. Rio de Janeiro: SESI/DN, 1996.

_____. **Avaliação do Programa SESI-Educação do Trabalhador**. Brasília: SESI/DN, 1999.

_____. **Proposta curricular-pedagógica de educação de jovens e adultos**. Fortaleza: SESI-CE, 2001a. (Rede SESI de Educação).

_____. **Regimento Interno de Educação de Jovens e Adultos**. Fortaleza: SESI/CE, 2001b. (Rede SESI de Educação).

_____. **Educação de jovens e adultos**: documento de estrutura e funcionamento. Rio de Janeiro: SESI-RJ/ GEM/ GEF, 2001c. (Série SESI Educa).

_____. **Programa SESI-Educação do Trabalhador**. Brasília: SESI/DN, 2002. (Rede SESI de Educação).